

sinopse Há semanas que Thomas (Mathieu Amalric) tenta encontrar a actriz perfeita para "Venus in Furs", a famosa obra do austríaco Leopold von Sacher-Masoch, que agora pretende levar aos palcos de Paris. Ao final de mais um dia, aparece Vanda, uma mulher intempestiva e desmiolada que, apesar de tudo, tem qualquer coisa de extraordinariamente sedutor. Assim, mesmo relutante, Thomas deixa-a tentar a sua sorte numa audição privada onde fica assombrado com a sua entrega a Wanda von Dunayev, a protagonista. É assim que, durante uma longa e estranhíssima audição, a atracção de Thomas por Vanda começa a crescer até se transformar numa obsessão sem limites...

Um filme com argumento e realização de Roman Polanski ("Repulsa", "O Pianista", "O Escritor Fantasma", "O Deus da Carnificina") que adapta a peça de David Ives.

Título original: La Vénus à la Fourrure (Alemanha / França, 2013, 96 min.)

Realização: Roman Polanski

Interpretação: Emmanuelle Seigner, Mathieu Amalric

Produção: Robert Benmussa, Alain Sarde

Argumento: David Ives, Roman Polanski

Musica: Alexandre Desplat

Fotografia: Paweł Edelman

Montagem: Hervé de Luze, Margot Meynier

Classificação: M/12

Estreia: 14 de Novembro de 2013

Distribuição: Pris Audiovisuais



A vida através do teatro

João Lopes, Cinemax

O teatro sempre foi uma componente importante do cinema de Roman Polanski: agora, regressa com o admirável "Vénus de Vison", segundo uma peça de David Ives, por sua vez inspirada nos temas de Sacher-Masoch.

Mais de quarenta anos passados sobre a sua versão de "Macbeth" (1971), parece que Roman Polanski voltou ao gosto pelo teatro. Assim, depois de "O Deus da Carnificina" (2011), baseado num texto de Yasmina Reza, descobrimo-lo a adaptar um outro texto teatral, neste caso do americano David Ives: "Vénus de Vison" ("La Vénus à la Fourrure", estreado no passado mês de Maio, no Festival de Cannes).

O menos que se pode dizer de "Vénus de Vison" é que, justamente, extrapola até às mais desconcertantes consequências as relações entre o artifício do teatro e as matérias da vida. Ou, se quiserem: as sobreposições da ficção e da realidade.

Basta dizer que esta é a história de um encontro de invulgares ecos simbólicos: um encenador (Mathieu Amalric) e uma actriz (Emmanuelle Seigner) vivem as atribulações de um casting para uma peça inspirada nos temas de Sacher-Masoch e, mais especificamente, do seu lendário romance de 1870, intitulado "La Vénus à La Fourrure".

O que é extraordinário no trabalho de Polanski é o facto de ele não estar preocupado em escolher a vida contra o teatro (ou o contrário). O que ele filma não é tanto uma dicotomia, mas uma complementaridade: no limite, descobrimos que a teatralidade das máscaras funciona também como um instrumento de revelação dos enigmas mais fundos das personagens, nomeadamente os de natureza sexual.

Amalric e Seigner são admiráveis no protagonismo de um filme que, afinal, se constrói a partir das suas relações num cenário único (uma sala de teatro). Será preciso lembrar que, para além da subtil inteligência formal da sua mise en scène, Polanski continua a ser um invulgar director de actores?

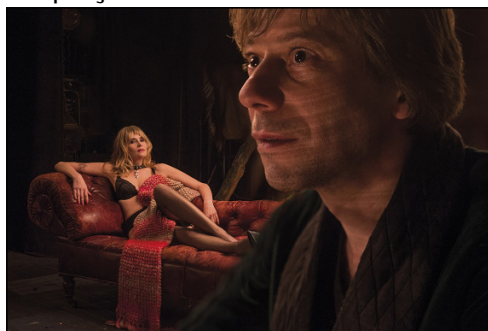
No palco de Vanda

Jorge Mourinha, Público de 14 de Novembro de 2013

Roman Polanski não inventa nada com esta variação sobre Sacher-Masoch. Nem precisa: basta-lhe mostrar o grande cineasta que ainda é.

Parece que Roman Polanski não terá reparado originalmente nos paralelismos entre a sua própria vida e a peça de David Ives que adapta ao cinema em *Vénus de Vison*. Pois, pois, e nós a acreditar que Polanski se está a fazer de sonso, ele que não fez outra coisa na vida que não fosse filmar-se por interposta pessoa, assumidamente ou à socapa, nas histórias que conta. E logo agora, que Mathieu Amalric faz literalmente de Polanski-demiurgo frente a Emmanuelle Seigner, Madame Polanski na vida real, é que ele se vem fazer de inocente - coisa que, como estamos todos fartinhos de saber, ele nunca foi (e nem estamos sequer a pensar no célebre caso judicial que ainda hoje o persegue). É, precisamente, esse jogo transgressor e provocador em que Polanski sempre foi perito, esse jogo de espelhos de feira popular entre palco e vida, que torna *Vénus de Vison* num grande, grandíssimo filme. Que pode não inventar nada nem trazer nada de novo à carreira do cineasta, mas que nem por isso deixa de gerir com uma maestria quase insultuosa as transições entre alusão e metáfora, realidade e ficção.

Tudo começa com uma audição para uma peça teatral, uma adaptação da *Vénus das Peles* de Leopold von Sacher-Masoch; o encenador está à beira de ir para casa num dia de tempestade, uma actriz chega tarde e lança-se num ensaio a contra-gosto do encenador, que, eletrizado pela justeza da interpretação, deixa a coisa seguir. Eis os espelhos a entrarem em acção: primeiro entre peça e livro, actriz e encenador, porque a actriz se chama Vanda, como a personagem de Sacher-Masoch, e o encenador tem mais afinidades com o Severin do livro e da peça do que parece à primeira vista.



Depois, os diálogos transformam-se em catalisadores, ora revelando ora escondendo significados, identidades, atitudes, numa guerra surda de sexos onde tudo se desmorona e reconstrói com cada gesto, cada olhar, cada frase. O jogo último, o que subjaz a tudo, é o jogo entre peça e filme, com um Polanski em absoluto domínio da forma, a manter sempre presente a dimensão teatral do dispositivo (apenas um cenário e dois actores) ao mesmo tempo que elimina qualquer suspeita de teatro filmado. *Vénus de Vison* é cinema extraordinariamente encenado, e a expressão francesa que designa simultaneamente “realizador” (de cinema) e “encenador” (de teatro) raras vezes terá feito tanto sentido: *metteur en scène*. Literalmente, Polanski “coloca em cena”, “coloca em palco” um jogo de poderes e paixões que tem algo dos seus filmes de juventude, quer na Polónia quer no exílio europeu (e a música de Alexandre Desplat não faz outra coisa que não seja sublinhar a dimensão grotesca, satírica desse seu passado), jogo esse a que um Amalric imperial e uma Seigner justíssima se entregam com a volúpia do abandono. É Polanski a provar porque é um enorme cineasta, a assinar um dos grandes filmes do ano. Onde nada se descobre mas tudo se reinventa.